

PERCURSOS DA LINGUÍSTICA APLICADA: INTERACIONANDO E LINGUISTICANDO APLICADAMENTE NO PAÍS CONTINENTE

Anderson Diógenes de Assis Dantas¹

Resumo: Nosso artigo tem por objetivo, apresentar algumas considerações sobre como se dão os processos de interação, que se dão no contexto social entre os falantes nativos da língua materna, sobre como eles interagem nos seus discursos nos mais variados lugares, e também como eles interagem no processo de ensino e aprendizagem, em sala de aula com o professor. Observaremos como se dá a interação no âmbito da Linguística Aplicada, e daremos ênfase, ao percurso da LA como ciência, na visão de vários autores. Tomaremos como base alguns aportes teóricos da teoria dos gêneros do discurso, da LA, do sociointeracionismo. Teremos como aportes teóricos para nosso trabalho, Bakhtin (2003), Rojo (2005), Lopes (2009), Celani (2000), Almeida Filho (2008), Geraldi (1996), Kleiman (2006) e Mizukami (1986).

Palavras-Chave: Interação; Falantes; Aprendizagem.

Abstract: *Our paper aims to present some considerations about the interaction processes that occur in the social context among native speakers of the mother tongue, how they interact in their speeches in various places, and also how they interact in the process of teaching and learning in the classroom with the teacher. We will observe how the interaction takes place within the Applied Linguistics, and we will give emphasis on pathways of LA as a science, in the view of several authors. We will build on some theoretical contributions of the theory of discourse genres, from LA and the socio interactionism. For this, we have accepted theoretical contributions to our work such as, Bakhtin (2003), Rojo (2005), Lopes (2009), Celani (2000), Almeida Filho (2008), Geraldi (1996), Kleiman (2006) and Mizukami (1986).*

Keywords: *Interaction; Speakers; Learning.*

1 Introdução

Nosso artigo tem como objetivo apresentar um conjunto de discussões ancoradas no interior da Linguística Aplicada, apresentando o contexto da La como ciência na visão de

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Especialista em Linguística e Ensino da Língua Materna – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Currais Novos/RN, Brasil, andersondantas-cnovos@hotmail.com.

vários autores e mostrando as relações que estão presentes dentro dessa mesma LA com relação à temática da Língua materna nos contextos interacionais. Teremos como aportes teóricos para nosso trabalho, Bakhtin (2003), Rojo (2005), Lopes (2009), Celani (2000), Almeida Filho (2008), Geraldi (1996), Kleiman (2006) e Mizukami (1986).

Com base nos postulados teóricos apresentaremos uma serie de proposições sobre como se dá a temática dos processos interacionais, entre os falantes de suas línguas nativas ou línguas diferenciadas, no contexto social onde ambos estão inseridos em que estes enunciados são proferidos, ou seja, onde as discussões são construídas e se moldam com a fala do outro.

Veremos como dentro do processo de ensino e aprendizagem essas interações acontecem, como os alunos interagem entre sim e com o professor, seja pela oralidade ou a escrita.

2 Questões teóricas

2.1 Aportes teóricos sobre gêneros do discurso

Dentro do campo dos estudos de gêneros do discurso, segundo Bakhtin (2003, p. 262), “Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano [...]”. Nessa afirmação do autor, fica evidente que os gêneros de caráter discursivo fazem parte das conversas do dia-dia-dia da sociedade e de outras formas de interação verbal. Para tanto, segundo Bakhtin (2003, p. 263):

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos) [...]

Na citação, há uma diferenciação entre esses tipos de enunciados, ou melhor, dizendo gêneros discursivos, os quais se dividem entre primários e secundários, onde observamos que esses tipos de gêneros do discurso atuam como que divisores dos tipos de enunciados que são discursos dos falantes que se dão por meio da interação nos diversos campos da sociedade.

Bakhtin (2003), ainda classifica esses gêneros de forma a identificar nessa teoria diferenças entre eles. Segundo ele,

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes); [...] (Ibid., 2003, p. 264).

Por esse ponto de vista compreendemos que se torna importante notar que para estudar as diferenças entre os tipos de gêneros, temos que proceder a uma análise linguística e termos consciência que toda oralidade ou escrita perpassa pelo viés da interação, e pela realidade onde ambos estão inseridos. O autor ressalta em sua obra a diferença que existe entre os gêneros primários e os secundários. Os primários são integrantes dos gêneros secundários complexos, se transformando e adquirindo uma identidade especial perdendo o contato real com a realidade concreta e o discurso do outro. Já os secundários complexos se caracterizam como: romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.).

Conforme Bakhtin (2003, p. 283), “A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação”. Nesse sentido, cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de vários outros discursos interligados pela identidade da esfera da comunicação discursiva. E que ainda cada enunciado deve ser analisado antes de tudo como uma forma de responder a discursos anteriores de um determinado lugar ou campo.

Implica nos dizer que quando falamos interligamos nosso discurso à fala do outro, e que se torna impossível haver uma interação sem que várias pessoas enunciem e que um novo enunciado aconteça em um enunciado anterior. Bakhtin ainda chama a atenção para outra característica:

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural). (Ibid., 2003, p. 299).

Ao enunciar, cada falante se torna importante dentro do processo de comunicação, pois sua oralidade é única e seu enunciado é individual, mais que do ponto de vista sócio-interacional seu discurso se molda ao falar do outro, construindo novos discursos e que as vezes refletem a natureza da cultura de cada esfera social.

São várias as visões teóricas para os gêneros textuais, dentre elas, Rojo (2005) salienta que já existe um diálogo realizado pela perspectiva bakhtiniana com outras correntes de estudo dentro da linguística. Segundo Rojo (2005, p. 186-187):

A confrontação da perspectiva bakhtiniana com outras perspectivas não muito conflitantes não tem sido preocupação só da LA. Autores ligados à análise da conversação, à linguística textual e ao interacionismo sociodiscursivo também têm investido nessa reflexão. Em geral, esses trabalhos apresentam não só um diálogo com a obra bakhtiniana – mais ou menos afinado – como também se preocupam em diferenciar – aproximando-os ou distanciando-os – gêneros textuais de gêneros discursivos.

2.2 Alguns aportes sobre a Linguística Aplicada

Conforme Lopes (2009),

O campo da LA começa enfocando a área de ensino/aprendizagem de línguas, na qual ainda hoje tem grande repercussão. Essa área se inicia, então, como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX, constituindo-se como estudo científico do ensino de línguas estrangeiras [...] (LOPES, 2009, p. 12).

Diante do exposto observamos um campo de aplicabilidade inicial da LA, que se destacou no começo no campo do ensino de uma L2, com avanços nas pesquisas e no ensino de língua estrangeira.

Ainda segundo Lopes (2009) decorrem ainda duas compreensões para se entender a LA, sendo essas duas entendidas como aplicação da Linguística e que ainda aplicar linguística não era de certa forma diferente do que outros campos faziam diante das características do estruturalismo linguístico na Antropologia e na Semiótica, a título de exemplo.

Lopes (2009) apresenta, outro conceito que achamos pertinente colocar é o que a LA interage perfeitamente em outros contextos fora do eixo do ensino de línguas estrangeiras atuando no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, e em outros, contextos institucionais como na mídia, empresa, delegacia de polícia, dentre outros.

Outra característica da Linguística Aplicada que achamos importante ressaltar é o seu caráter de indisciplinaridade que está perfeitamente em sintonia com as práticas sociais em que estamos inseridos. Conforme Lopes (2009),

É uma LA que deseja, sobretudo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos. (LOPES, 2009, p. 19).

Essa citação do autor nos traz a tona uma gama de significações em que a LA pode assumir, atuando em vários contextos sociais diferentes, conjuntamente com outras áreas do conhecimento, é esse um tipo de LA que se pensa e se reflete.

Outro questionamento importante em que a LA está inserida é o que abarca as questões sociais, conforme Lopes (2009),

procura criar inteligibilidade sobre práticas sociais em que a linguagem desempenha um papel central. Além disso, pensar sobre os caminhos da LA contemporânea pode nos prover outros modos de compreender nosso futuro como pesquisadores nesse campo, ao passo que também apresenta novas formas de politizar a vida social para além das histórias que nos contaram sobre quem somos: uma indagação à qual a LA contemporânea precisa responder. Afinal, fazer pesquisa nesse campo pode ser uma forma de repensar a vida social. (LOPES, 2009, p. 23).

A afirmação acima nos instiga a enxergamos a LA como uma nova ciência que pesquisa e que está de lado das práticas sociais, onde somos inseridos como sujeitos falantes da língua e que perfeitamente interagimos em sociedade.

Já partindo para uma nova visão da LA Celani (2000) salienta que como área do conhecimento é vista hoje como articuladora de múltiplos saberes, dialogando constantemente com vários outros campos que se preocupam com a linguagem. Para Celani (2000), são várias preocupações da Linguística Aplicada, “[...] aquisição de linguagem, de metodologia de ensino de línguas e as práticas pedagógicas, por exemplo, estão ligadas a forças sociopolíticas mais amplas.” (CELANI, 2000, p. 04).

Outra colocação que achamos bastante pertinente à medida que para a autora a uma grande importância sobre o trabalho desenvolvido com a linguagem na escola, conforme ela,

O trabalho com a linguagem na escola é fundamental, já que é lá que se está preparando os indivíduos para a sua atuação como cidadãos com plena capacidade de atualizar seu potencial intelectual e afetivo na força de trabalho e na vida social como indivíduos esclarecidos e eficientes. (CELANI, 2000, p. 05).

A visão da autora que observamos em nosso artigo coloca o ser humano como um ser verdadeiramente coletivo e social e que é capaz de desenvolver plenamente o seu intelecto para transformar o lugar onde reside.

Celani (2000) aponta para um ponto importantíssimo que será praticamente o ponto central em nosso trabalho, que será o papel da Linguística Aplicada, junto às interações que acontecem seja em sala de aula, ou seja, na sociedade entre as pessoas, para ela, a LA tem uma preocupação social, não apenas na resolução dos problemas, não apenas com uma atuação de ajudar mais sim em evitar que tais problemas ocorram.

Compreendemos que para entendermos a função social dessa área tão vasta no processo de interação, a que se ter um esforço muito maior por parte dos que pesquisam e fazem que a interação aconteça durante a construção dos enunciados.

Conforme Celani (2000), ‘‘Os lingüistas aplicados devem se esforçar para se tornarem mais visíveis junto às autoridades educacionais e devem mesmo por-se a serviço da comunidade, nas diferentes esferas, esclarecendo a ambos os setores que contribuição tem a dar. ‘’ (CELANI, 2000, p. 13). Na colocação observamos o que seria o papel central do pesquisador nesse campo tão vasto e abrangente que é ao mesmo tempo carente de mais pesquisas.

Falamos de uma das funções da LA na visão de Celani, entraremos, portanto nas teorias de Filho (2008), para procurarmos explicar visões diferentes para uma área tão grande e vasta de significados. Conforme o autor observa-se uma visão mais renovadora de uma visão antiga de aplicabilidade de teoria da linguagem, a questões de ensinar a língua, uma visão parecida com a de Celani (2000).

Segundo Filho (2008), ‘‘fica explicitada também a idéia de que a Linguística Aplicada é área autônoma da Linguagem, caracterizada por pesquisa de tipo aplicado [...], possui

metodologia própria, nem sempre ensinada explicitamente em programas nacionais de LA no país [...].’ (FILHO, 2008, p. 02).

Notamos certa preocupação em relação a se ensinar nos programas de pós-graduação a verdadeira essência da LA como ela nasceu, o que ela pesquisa e como se desenvolve, para que não haja uma certa confusão por parte de algumas pessoas que atuam na área.

Outro aspecto de grande relevância apontado por Filho (2008) e a relação da pesquisa com os contextos de onde se originam as questões e eventualmente problemas é, portanto, crucial para constituir a natureza aplicada conhecimento científico sensível aos contextos dos países que se deseja gerar. Filho ressalta um aspecto de extrema importância no campo de estudos em LA, é a forma prática da interação acontecendo, em que a aplicabilidade linguística acontece transformando os contextos sociais de cada nação.

3 Aspectos metodológicos

3.1 Abordagens da temática

Nosso artigo trará uma série de reflexões acerca dos processos de interação entre a língua escrita e os falantes, interagindo todos na sociedade por meio da fala e da escrita.

3.2 Os sujeitos colaboradores

Poderão participar de um processo interacional, alunos de sala de aula de língua materna do ensino fundamental ou médio e demais falantes de língua materna em contextos sociais diferenciados.

4 Discussão da temática

Abordaremos em nosso artigo um conjunto de reflexões sobre as contribuições da LA para os estudos da língua na sua modalidade escrita e oral, diante dos processos interacionais em que cada indivíduo interage na sociedade. Com base nos construtos teóricos faremos reflexões que servirão para os docentes de língua materna refletirem sobre a interação no processo de ensino e aprendizagem de língua materna e também como acontece a interação com os demais falantes da língua. Conforme Geraldi (1996),

Do ponto de vista sociointeracionista da linguagem, a variedade lingüística que a criança domina, em sua modalidade oral, foi aprendida nos processos interlocutivos de que participou. Ao participar de tais processos, a criança não aprendeu antes a língua para depois interagir: constituiu-se como sujeito que é ao mesmo tempo que construiu para si a linguagem que não é só sua, mais de seu grupo social. Foram as interações em sua família, em seu grupo de amigos, em seu bairro e mesmo as interações com os meios de comunicação de massa, como rádio e televisão. Ao contrário, nas interações de que fez parte, seu trabalho foi também constitutivo desta linguagem: negociou sentidos, incorporou a seus conhecimentos prévios novos sentidos, constituiu-se como interlocutor, escolhendo estratégias de interação. E compreendeu a fala dos outros. (GERALDI, 1996, p. 39).

Na afirmação do autor percebemos de forma bastante explícita um exemplo clássico em que a interação vai ocorrer de forma partilhada, ou seja, interagindo em sociedade a criança irá aprofundar os conhecimentos que já tem, assimilando novos conceitos, aprendendo novas coisas é a dinâmica dos enunciados e dos discursos dos outros em interação.

Ainda a respeito da interação conforme Geraldi (1996)

Se no período anterior à escola a criança foi capaz de extrair, nas situações mais variadas de conversações de que participou e continuará participando, a forma e o funcionamento da linguagem em uso, na escola abrem-se novas possibilidades de interações, mas elas mudam em sua natureza. (GERALDI, 1996, p. 39).

Vejam os quanto são instigantes as afirmações do autor no que diz respeito sobre a interação, em que a criança quando está no ambiente escolar, participa de certos tipos de interação diferenciados, onde seu conhecimento vai sendo ampliado socialmente, por meio da linguagem todo processo de ensino e aprendizagem vai ocorrendo.

Conforme Geraldi (1996),

No quadro de uma concepção sociointeracionista da linguagem, o fenômeno social da interação verbal é o espaço próprio da realidade da língua, pois é nele que se dão as enunciações enquanto trabalho dos sujeitos envolvidos nos processos de comunicação social. (GERALDI, 1996, p.27).

Geraldi (1996) traz a tona as contribuições do pensamento bakhtiniano, o processo de interação como o *locus* produtivo da linguagem e, ao mesmo tempo, como o centro organizador e formador da atividade mental, já que “não é a atividade mental que organiza a expressão mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e

determina sua orientação” (p. 112). Compreendemos que pelo pensativo de Bakhtin podemos entender de forma bem responsiva como se dão os processos de interação e como a linguagem atua entre os falantes dentro da Linguística Aplicada.

Partimos agora para a afirmação de Rojo (2005), conforme a autora, “No entanto, as relações entre os parceiros da enunciação não se dão num vácuo social. São estruturadas e determinadas pelas formas de organização e de distribuição dos lugares sociais nas diferentes instituições e situações sociais de produção dos discursos.” (ROJO, 2005, p.197).

Rojo alerta para uma situação em que o processo de interação e construção dos discursos não se dá num vazio, de um nada qualquer, os discursos nascem em lugares diferentes, entre falantes nativos diversos nas mais variadas instituições e línguas diferentes.

Por sua vez Rojo (2005) ainda salienta que as experiências na formação de professores como na análise dos processos interacionais em sala de aula orientam para a direção de um enfoque bakhtiniano. O que podemos observar que nas interações os discursos se dão de forma interativa onde cada falante constrói seu enunciado que se molda a fala do outro.

Um outro ponto de vista que achamos pertinente ressaltar é o de Kleiman (2006), onde a autora nos traz a seguinte afirmação,

As nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam. São as situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipo de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis. (KLEIMAN, 2006, p. 25).

Na citação da autora fica claro para nós o papel primordial da interação, e que tipos de discursos podem ser construídos, e que tipos de realidades esses discursos podem ser proferidos e para que tipo de falantes eles serão interagidos.

Para Mizukami (1986)

Considerando-se o fato de que se trata de uma perspectiva interacionista, homem e mundo serão analisados conjuntamente, já que o conhecimento é o produto da interação entre eles, entre sujeito e objeto, não se enfatizando polo algum da relação, como ocorreu nas abordagens anteriores. (MIZUKAMI, 1986, p. 60).

Ambos os autores citados concordam que o conhecimento é construído de forma conjunta nos processos de interação, à medida que o homem como ser social interage em perfeita sintonia, com o mundo e com os outros no contexto social que vive, um discurso de um vai se moldando e se aprofundando no discurso do outro na medida que os enunciados são proferidos, e a linguagem exercendo o seu papel.

5 Considerações finais

Com base nos postulados teóricos citados, podemos tirar conclusões bem instigantes e que de forma responsiva, provoca em nós uma maior vontade de se aprofundar, sobre o papel dos processos de interação atrelados a linguagem na sua modalidade oral e escrita.

Ficamos com aquela sensação que a Linguística Aplicada cumpriu e cumpre seu papel que é o de dar uma contribuição dentro das pesquisas nas suas teorias que é o de investigar nas diversas esferas nos diferentes contextos, como se dá essa interação, como ocorrem os processos de interação entre os falantes nativos de uma língua ou de uma segunda língua, e sobre como atuam os educandos junto aos professores, nas interações em sala de aula em língua materna.

Esperamos que nosso artigo possa dar um grande conjunto de contribuições ao refletir sobre as contribuições que a LA deu para o aprofundamento dos estudos nesse campo tão vasto de pesquisas, e sobre o fato que refletimos sobre os processos sociointeracionais.

6 Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **A linguística aplicada na grande área de linguagem**. In: SILVA, K. A.; ALVAREZ, M. L. O. *Perspectivas de investigação em linguística aplicada*. Campinas: Pontes, 2008.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306
- BUNZEN, Clézio; MENDONÇA, Márcia. **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. SP: Parábola Editorial, 2006.
- CELANI, M. A.A. **A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira**. In: FORLAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (Orgs.). *Aspectos*

da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn.
Florianópolis: Editora Insular, 2000.

DANTAS, Anderson Diógenes de Assis. **REESCRITA NO ENSINO MÉDIO: LINGUISTICANDO APLICADAMENTE NAS AULAS DE PORTUGUÊS.** Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura **Letra Magna**. Ano 08, n.15, 2º semestre de 2012. [WWW.letramagna.com]

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Leituras do Brasil).

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOITA LOPES, L. P. **Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar.** In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009.

ROJO, Roxane. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** IN: MEURER, J. L. ;BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

ROJO. Roxane. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** IN: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.